CIDAC
Centro de Docu
TL 3679

$ 2 Patacas

SÉRIE 2 ANO 36
NO. 14 19 AGOSTO 1983
SEXTA-FEIRA

O clarim

semanário católico

DIRECTOR: Pe. Manuel F. Moreira

SUBDIRECTOR: João Severino

AMARO MONTEIRO DEIXA MACAU

PÁGINA 6

QUANDO A INFRAESTRUTURA SE APOIA NA EDUCAÇÃO

PÁGINA 5

DOSSIER TIMOR

O ADMINISTRADOR APOSTÓLICO MONSENHOR XIMENES BELO falou a " O CLARIM "

Centrais

Futebol

FINAL DA TACA DE PORTUGAL... NO CANÍDROMO ?

PÁGINA 13

DOMINGO

As palavras, cada vez mais, dizem nada. Criadas como veículo de comunicação entre as pessoas, mostram a incapacidade de atingir o essencial. E, sendo assim, minimizam ou obstruem mesmo a capacidade de diálogo entre as mesmas pessoas. Compradas a granel ou em frases feitas, as palavras são a manifestação do vazio crescente da nossa vida. Exprimem a verdade ou a mentira que nos habituámos a encontrar em cada esquina; traduzem, por vezes, sentimentos "standartizados" que não têm marca própria.

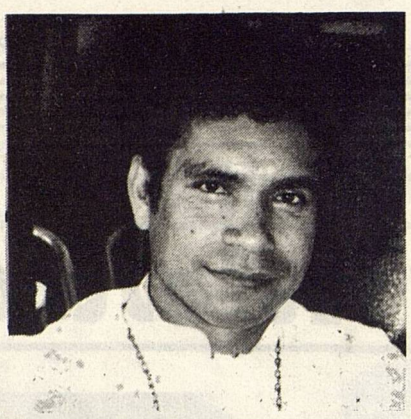
É que hoje, às palavras falta-lhes o silêncio. Um silêncio no qual se apoiem, que lhes dê sentido, que as torne fecundas. A palavra sem silêncio é apenas emissão de voz, ar agitado e, portanto, vazio que se transmite. É impensável a palavra sem o silêncio, um silêncio criador e fecundo que encha de conteúdo a palavra que suporta e lhe dê marca própria para que ela possa chamar-se nossa.

Infinitos séculos de silêncio apoiaram a Palavra que se manifestou aos homens. Palavra única, jamais dita, que se tornou vida para eles. Palavra incarnada que, antes de ser proferida se apoiou num outro Silêncio, mais eloquente que o dos infinitos séculos. Maria, a Virgem de Nazaré, foi o silêncio de Deus, um silêncio tão eloquente que disse a Palavra incomparável — JESUS CRISTO.

Maria, o silêncio de Deus fecundo e criador ! Porque criatura, calou. O nada não fala. Mas, sobre aquele nada de Maria, Deus falou e se disse a Si mesmo em Jesus Cristo.

O diálogo só é possível pelo silêncio. Estranho paradoxo! Um silêncio que permita o acolhimento, que estabeleça a relação, que seja a tela de fundo onde qualquer obra prima pode ser criada. Um silêncio que seja o de Maria no qual se inscreveu o mais maravilhoso diálogo: o de Deus com o homem.

Pag 8-9



ADMINISTRADOR APOSTÓLICO FALOU A "O CLARI

"O CRESCENTE NUMERO DE CATÓ

TRADUZ-SE NA DEFESA DA SUA IDENTIDADE

A Diocese de Díli funciona no mesmo local onde durante tantos anos, os católicos timorenses e não só se habituaram a dialogar com os altos responsáveis da Igreja – no Largo de Lecidere.

Neste largo existe um jardim, o qual encerra no centro a estátua de Nossa Senhora. Trata-se de um lugar previlegiado da população, já que ao fim da tarde diversas pessoas aproveitam para uma abordagem dos problemas e em simultaneo para a elevação de uma prece à Virgem.

No Largo de Lecidere, concretamente no edifício da Diocese encontrava-se a pessoa escolhida para a primeira entrevista da nossa visita a Timor – o Administrador Apostólico, Monsenhor Ximenes Belo.

Pe. José Guterres – o Padre dos Pobres – falecido na Ilha do Ataúro em 1977

Passados alguns anos voltava a entrar naquela casa um português vindo do estrangeiro, a fim de dialogar com o Bispo. Monsenhor Ximenes Belo conduz-nos para a sala de reuniões e apresenta-nos ao seu secretário, Padre Mateus Lopes da Cruz, irmão do antigo Vice-Governador de Timor durante o período compreendido entre 1976 e 81. Iniciámos a conversa com as novidades de Macau, nomeadamente, sobre a prática religiosa, sacerdotes conhecidos, ligação evangélica que anteriormente existiu entre Timor e Macau, e naturalmente sobre "O Clarim", cujo jornal o nosso entrevistado conhecia de longa data. A primeira questão recaiu sobre a sensação pessoal de Monsenhor Belo ao assumir tão significativo cargo, ao que este nos diria: **"Para mim foi uma surpresa. Estava a trabalhar na missão de Baucau, recebi um telegrama do Núncio para me deslocar urgentemente a Jakarta. Foi-me participado que Sua Santidade tinha aceitado a demissão do Monsenhor Costa Lopes e que me nomeava para o cargo. Assim de rompante não tive outra alternativa que aceitar a missão, movido por um espírito de obediência religiosa e sacerdotal, sem saber os riscos que ia correr. Só depois de voltar a Timor e reflectindo, verifiquei que a situação era grave."**

– Quando é que foi empossado?

– "No dia 12 de Maio do corrente ano e assim abraçei esta cruz com entusiasmo, esperança e optimismo. Sei que sou um sacerdote novo, apenas com 3 anos de vida sacerdotal, mas tudo farei para cumprir a missão."

Monsenhor Ximenes Belo estudou Filosofia e Teologia em Lisboa, tendo sido ordenado em 1980 na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora dos Salesianos, em Lisboa. Esteve em Roma, onde cursou Teologia Pastoral, com especialização em Espiritualidade. **– "Depois estive em Macau 1 ano a leccionar no Colégio D. Bosco, do qual guardo as melhores recordações." –**

– Como foi interpretada a sua nomeação?

– "Por vários ângulos. Contudo, alguns diziam que eu era o Bispo integracionista, mas na verdade quando cheguei já Timor estava integrado. Estou aqui apenas para servir a Igreja, para dinamizar a Diocese, para desenvolver um serviço apostólico, espiritual, pastoral, social e caritativo."

– Falou-nos em factos graves e riscos que não esperava vir a encontrar. Quais são esses problemas?

– "Em primeiro lugar, os problemas baseiam-se a nível eclesial. O número de católicos aumenta cada vez mais e em contrapartida há uma grande falta de vocações. Sacerdotes ao todo estamos em Timor 30, mas precisaríamos de 80."

– Faleceram alguns sacerdotes durante a guerra?

– "Sim, O Padre António Maia de Lete-Fo, em circustâncias ainda desconhecidas. No caso, do Padre José Guterres, irmão de um colega seu de Macau, o Patrício Guterres, a morte veio ao seu encontro em 1977 por motivo de doença. Saliente-se acerca deste sacerdote, que o seu trabalho pastoral levado a cabo na Ilha do Ataúro foi de tal forma querido do povo, que este não permitiu que o seu corpo fosse trasladado para Dili. Tanto os católicos, como os protestantes fizeram sentir que 'O Padre dos Pobres' ficaria para sempre junto deles."

Pe. Carlos Pereira – o decano dos missionários – sempre percorreu todo o Timor, a pé!

– Quais são as dificuldades mais sentidas para o cumprimento da missão evangélica?

– "Nós precisamos de tudo! A grande dificuldade é a parte económica. Com a guerra nós perdemos as fontes de receita e actualmente só vivemos de esmolas, parte delas que nos chegam da Congregação de Propagação da Fé, o que para as nossas necessidades não é suficiente. Temos evitado o apelo aos fiéis timorenses, já que as suas condições de vida não lhes permite dispender verbas. Uma outra dificuldade situa-se no aspecto didáctico, gostaríamos de ter mais livros."

– Para o ensino do português?

– "Sim, porque continuamos a leccionar nas nossas escolas a língua portuguesa, pois, a maioria dos timorenses continua a falar português. Vamos incrementar o ensino do português em razão da nossa história. Na Escola de Balide vamos este ano procurar ir até ao 7o. ano. Corremos este risco para mantermos viva a cultura portuguesa, para que não esqueçamos o nosso passado cultural e porque muitos pais desejam que os seus filhos aprendam o português. Este ano já temos cerca de 200 inscrições. Ora, não podemos ficar alheios a este facto."

Igreja de Motael – Catedr

– Como interpreta o Sr. Bispo, o aumento do número de católicos?

– "Trata-se de uma resolução generalizada de um povo que procura em nós, a defesa da sua identidade."

– Pensa que a integração é um facto consumado?

– "Eu penso que a nível internacional, particularmente nas Nações Unidas, o facto ainda não está consumado. Por outro lado, dentro do território ainda existe uma resistência armada. Simultaneamente posso dizer que dentro dos corações dos timorenses continua uma resistência pacífica à ideia. No que respeita à Igreja Católica, nós não tomamos posição política, mas a Igreja de Timor está pronta e decidida a defender os direitos fundamentais da pessoa humana e sobretudo, a defender o direito do povo timorense existir como povo de identidade e cultura próprias. Agora, a integração política é um caso que diz respeito aos leigos. Nós defendemos a sobrevivência do povo timorense.

A nível de propagação da nossa religião, penso

Procissão de São Tiago realizada no sopé das montanhas

JOÃO MURINELLO

O jornalista do Gabinete de Comunicação Social, João Murinello enviou ao Director do nosso jornal uma carta contestando o conteúdo da reportagem efectuada em Timor.

À hora a que nos chegou a missiva, os serviços de composição já se encontravam encerrados, pelo que a mesma será publicada no próximo número.

No entanto, após uma leitura rápida da carta quer parecer-nos que João Murinello deveria aguardar pela publicação de toda a matéria que temos sobre esta questão.

M "

LICOS

COMO POVO "

al de Dili

que não haverá qualquer problema, porque a Constituição Indonésia prevê a liberdade religiosa, apesar de ter havido tentativas para islamizar Timor, com a construção de "mesquitas", o que não tem sido autorizado pelas autoridades governativas. No que respeita ao catolicismo da Igreja indonésia, eu não sou grande conhecedor das suas directrizes, mas pelo que me é dado observar, trata-se de um catolicismo que tende para uma Igreja nacionalista, isto é, obedece mais à ideologia do Estado e não uma Igreja livre, dependente de Roma. Enquanto que, a Igreja de Timor estará sempre contra as injustiças."

— Quando o Monsenhor Costa Lopes chegou a Lisboa, alguns meios católicos ficaram surpreendidos com a sua defesa das teses da Fretilin, por esta ser dada como um movimento comunista. Como explica que um responsável da Igreja Católica tome essa posição?

— **"Eu não penso que todos os elementos que integram a Fretilin sejam comunistas. Alguns deles até já têm assistido a missas realizadas no interior do território. Penso que a tomada de posição do Mon. Costa Lopes representou a defesa daqueles que resistem no mato, quer sejam comunistas ou não."**

— O Santo Padre desloca-se em breve à Indonésia. Timor será contemplado?

— **"Tudo faremos para que seja. Na próxima reunião dos Bispos em Jakarta tentarei que haja uma resolução nesse sentido. É muito importante a sua vinda, porque o povo timorense merece essa distinção."**

— Quais são as suas actuais relações com o Governador de Timor?

— **"Estamos todos, incluindo eu, satisfeitos com a vinda do actual Governador. É um homem que atende todos os problemas do povo e que já contribuiu para a diminuição das prepotências anteriormente verificadas. Nós fazemos votos para que ele se mantenha por muito tempo."**

— As igrejas estão a funcionar em pleno?

— **"Absolutamente. Todas as Paróquias funcionam em pleno verificando-se como já lhe disse, uma enorme afluência de fiéis."**

— O Senhor Bispo deseja enviar alguma palavra para os católicos macaenses?

— **"Envio a todos os católicos de Macau a mensagem de solidariedade espiritual de todos os timorenses e apelo a que em Macau se reze pela Paz em Timor".**

JOÃO SEVERINO

DELEGAÇÃO AUSTRALIANA VISITA TIMOR

Por Peter Hastings ●
in
Far Eastern Economic Review

Dili — O Governo Indonésio provavelmente gastou cerca de US$175.000 na recente visita de uma Delegação Parlamentar Australiana, por estrada e ar a 14 localidades de Timor — todas elas indicadas pela Fretilin (Frente de Libertação Timorense), como sendo áreas de fome ou áreas dominadas por esta organização — principalmente para agradar ao Senador Gordon McIntosh, o ferrenho anti-indonésio que pertence à ala esquerda da delegação.

Os oficiais indonésios devem ter pensado que o projecto valia bem todos os cêntimos gastos, ao observarem os parlamentares a apartarem-se nos helicópetros para largos vôos sobre a variada topografia timorense, ou a saltitarem dolorosamente ao longo das decrépidas estradas construidas por portugueses. Não havia escolta militar, e houve um único encontro com a Fretilin que se se opôs à anexação pela Indonésia, da antiga colónia portuguesa, por por meados dos anos 70. Na estrada de Los Palos para Laga, Bill Morrison, líder da delegação, encontrou 4 guerrilheiros armados. Foi um encontro perfeitamente fortuito. Os três primeiros carros, da caravana de cinco, tinham já ultrapassado os guerrilheiros, postados à beira da estrada, sem, contudo, os terem notado. Morrison parou o carro, apenas por reparar que um deles usava uma camisola da Fretilin. Os quatro homens fizeram-lhe a saudação Fretilin de punho no ar, e entabularam uma conversa, de passatempo, em inglês, Indonésio e português. Os homens tinham bom aspecto, usavam relógios novos, e disseram pertencer a um grupo de 40, mulheres e crianças, na maioria, que estavam alojados a uns kilómetros de distância.

Foi-lhe entregue uma carta em que se exigia a retirada da Indonésia, e uma autodeterminação presidida pela O.N.U.. Afirmavam ainda controlar o Território Timorense na totalidade — o que foi posto em dúvida pelos membros da delegação.

Os guerrilheiros Fretilin, pediram a Morrison para visitar o seu campo. Morrison respondeu que possívelmente o faria acompanhado do Governador Mário Carrascalão.

Mas em Dili, no dia seguinte, o Governador disse não estar surpreendido com o contacto com a Fretilin, visto que a visita da delegação havia sido divulgada há várias semanas, embora não tivesse sido noticiado o programa exacto da visita.

O Governador também se opôs a qualquer visita alegando que, além de o actual pequeno número de guerrilheiros não o justificar, ele estaria a manter um diálogo pessoal com alguns dos chefes, e um contacto através dos australianos seria interpretado pela Fretilin como um apoio tácito Australiano.

Fontes indonésias e a maioria dos observadores calculam a força da Fretilin em cerca de 1.000 a 1.400 indivíduos, ineluindo familiares e dependentes. Mas guerrilheiros armados calcula-se que sejam 30 a 40. A Fretilin está agora dividida em pequenos grupos, alguns de três a quatro homens. Os maiores, provavelmente não passam de 40 a 50 pessoas. O contacto entre grupos é mínimo e por vezes nulo.

Não houve qualquer tiroteio entre soldados indonésios e grupos da Fretilin este ano, facto que se deve sobretudo a dois homens: o comandante indonésio Col Poerwanto e o Governador Carrascalão, que com a benção e protecção do presidente Suharto, e do novo comandante das forças Armadas Indonésias, General Benny Murdani, mudaram com sucesso a política indonésia.

Carrascalão era o líder do antigo partido pró-português União Democrática Timorense. Ele pugnava por uma indepêndência de Timor a um prazo de 10 anos para um trabalho de descolonização eficiente. Escapando por uma unha negra a ser assassinado pela Fretilin em 1976, mudou os seus pontos de vista, e acredita hoje que a integração indonésia é a única solução política possível. Licenciado em Agronomia, não teme ficar sem o seu lugar — "Abandonaria o meu lugar amanhã, se necessário" — Carrascalão lutou muito tempo para persuadir Jakarta que a sua política dura era improdutiva.

O governo começou a ouvi-lo e fê-lo Governador com largos poderes. Tendo entretanto ganho o respeito da maioria dos antigos líderes políticos oponentes, Carrascalão começou uma política aberta e dirigida especialmente aos antigos simpatizantes Fretilin.

Gradualmente começou a ter sucesso. De vários pontos da Ilha os guerrilheiros Fretilin começaram a descer à cidades para irem aos mercados, fazer compras e reviver velhas amizades. Ele apenas insiste em que devem vir desarmados. Consequentemente a situação interna mudou completamente nos últimos anos.

Desenvolvimento é visível por todo o lado, novas estradas asfaltadas estão a ser construidas, novos edifícios são visíveis por toda a ilha, e a situação de segurança, como a delegação Australiana viu é completamente calma. Os australianos foram unânimes em afirmar que aquilo que mais os impressionou foi a ausência de soldados.

A Indonésia gasta agora US$58 milhões, anualmente, em Timor — cerca de US$105 per capita, o que é um gasto considerável em termos indonésios, se aceitarmos a estimativa Indonésia de 550.000 habitantes em Timor.

Se aceitarmos a estimativa de 325.000 habitantes, feita por simpatizantes da Fretilin, na Austrália e Portugal — cerca de metade da população em 1974 — então o investimento per capita será de US$180. Mas se por um lado não pode haver dúvida do aumento efectivo dos gastos indonésios em estradas, fixação de populações, desenvolvimento agrícola e educação, já a batalha pelos corações e sentimentos levará muito mais tempo.

A visita da Delegação Parlamentar Australiana foi sugerida aos indonésios, durante a visita que o primeiro ministro Australiano Bob Hawke's fez à Indonésia em Junho, como a melhor maneira de derrotar a resolução anti-indonésia tomada na conferência do ano passado do Partido Trabalhista Australiano. As resoluções dessa conferência vinculam o Governo Trabalhista Australiano até que sejam retiradas por votações na conferência bienal ou abandonadas por outros motivos.

Essa resolução da conferência do ano passado, foi muito discutida, numa sessão que envolveu negociações entre as alas esquerda a direita dos trabalhistas, pedia a retirada das forças indonésias de Timor, e a efectivação de uma autodeterminação regulada pelas Nações Unidas.

A ajuda Australiana seria ainda suspensa durante o processo e até nova análise do problema.

● Peter Hastings é o chefe do Departamento de Assuntos Estrangeiros de um dos principais jornais australianos "Sydney Morning Herald" e tem seguido muito perto e escrito acerca dos acontecimentos em Timor desde 1974.

O Insituto Australiano dos Negócios Estrangeiros e a Universidade Nacional Australiana publicaram artigos dele sobre o assunto.

Ele acompanhou o antigo Primeiro-Ministro E. Cough Whitlam numa visita a Timor há 2 anos e é considerado um dos jornalistas mais conceituados na Austrália.